

# As performatividades de gênero no espaço escolar: abjeção e formação crítica para a cidadania

## *The gender performativities in school: abjection and critical education for citizenship*

Eduardo Henriques<sup>1</sup>; Guilherme Barbosa<sup>2</sup>.

### Resumo

A escola é notório ambiente de formação e desenvolvimento dos sujeitos. Os/as estudantes vivenciam nesta instituição experiências que nortearão as suas visões de mundo e os seus caracteres por toda a vida. Conscientes disto, os/as docentes buscam realizar um exercício pedagógico que promova em seus/suas discentes uma consciência dos valores, da cultura e das “normas” sociais que levarão os/as jovens a uma normalização social e a uma absorção pelo mercado acadêmico e profissional pós-escola. Assim, surgem/são aplicadas as “diretrizes de gênero”, que visam imprimir o ideal de Masculino e de Feminino sobre os/as aprendizes, revelando que a escola pode ser tanto o ambiente da opressão e da nulidade das identidades (MISKOLCI, 2012; BUTLER, 2009; MOITA-LOPES, 2009; LOURO, 2001), quanto da inclusão e da aceitação, um ambiente de aprendizagem pelas diferenças. Neste artigo, refletir-se-á sobre o papel da educação frente à diversidade na sociedade a partir da própria escola, a partir da análise de *teasers* do documentário “BICHAS” (2015), o qual revelou experiências de abjeção e doutrinação heteronormativa de gênero no pretense democrático ambiente escolar.

### Abstract

The school is a known space of formation and development of the individuals. In this institution, the students have experiences that will guide their worldviews and their characters for the rest of their lives. Aware of this, the teachers do a pedagogical exercise that takes his/her students to an awareness of the values, culture and social "rules" that will lead the students to a social normalization and absorption by the universities and professional market after schooling. Thus, it is applied "gender guidelines", which aim to print the ideal of Male and Female on the learners, revealing that the school can be an environment of oppression and nullity of identities (MISKOLCI, 2012; BUTLER, 2009; MOITA-LOPES, 2009; BLONDE, 2001), or can be a space of inclusion and acceptance, a learning environment for the differences. Given this fact, in this article, we will reflect about the role of education with regard to the society diversity, through the analysis of teasers of the documentary "BICHAS"(2015), which revealed experiences of abjection and heteronormative gender indoctrination in the so-called democratic school environment.

---

<sup>1</sup> Eduardo Henriques é Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (PPGL-UFPE), Licenciado em Letras-Português pela UFPE, e Professor da Graduação em Letras na UFPE. E-mail: eduardohenriquesdearaujo@hotmail.com

<sup>2</sup> Guilherme Barbosa é Mestrando em Ciências da Linguagem pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH - UNL), e Licenciado em Letras-Português pela UFPE. E-mail: gui\_oliveirabarbosa@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Formação docente. Gênero e sexualidade na Escola. Identidade de gênero.

**Keywords:** Teacher training. Gender and sexuality in School. Gender identity.

## Introdução

Tratar das 'Masculinidades' na academia não surge como um tema novo ou *avant garde*, haja vista que desde os anos 1980 que alguns autores, já de modo sistematizado, vêm produzindo conhecimento científico sobre a questão, a qual remonta estudos de sexualidade ainda mais antigos – como os de Kinsey (1948). Todavia, a persistência desta temática nos celeiros da ciência reflete a demanda ainda vivaz por uma melhor compreensão tanto teórica sobre gêneros, sexualidades e identidades quanto de práticas sociais tocantes a estes três elementos inextrincáveis ao ser humano.

É curioso que, desde o limiar da humanidade, o 'Masculino' é evidenciado pelas mais diversas culturas, sendo o seu antagonismo a definição do "Feminino", o qual não possui uma conceituação própria, mas um delineamento por binarismos. Ao ocidente alguns modelos masculinos ficaram muito caros à historiografia cultural, de modo que personagens como Hércules e Aquiles, por sua bravura, virilidade e corpos de divinal torneamento e força física, assim como Napoleão e Che Guevara, por suas imagens associadas às lutas, à força de povos e nações, e aos ideais pelos quais se valeria a pena morrer em combate (mais uma vez a bravura, a virilidade e a força física se evidenciam), são frequentemente vistos como padrões masculinos aos quais sempre se recorre para a manutenção da "normalização genérica".

De modo bastante profícuo e didatizado, o professor Miskolci (2012) vai glosar acerca dos movimentos sociais de normalização dos sujeitos. Estes processos dão-se, no mais das vezes, através dos discursos formativos que ecoam das/nas instituições basilares às sociedades: a família, a igreja e a escola. É neste sentido que, ao lançar estereótipos, como aquelas quatro personagens da historiografia ocidental, as instituições sociais elegem formas de caracterização de gênero, cujos sujeitos que melhor deles se revestirem, normalizando sua performance masculina, culminam por serem reforços estereotipadores, agindo como exemplos para aqueles que os cercam.

Faz-se interessante ressaltar que, em uma observação superficial, pouco científica talvez, mas com o peso da tradição cultural doméstica, sabe-se que: o homem não chora; o homem não teme, pois é "um homem ou um prato de papa?"; o homem é o provedor da família; o homem é desportista; o homem fala grosso; o homem usa azul; *etc.* Estas seis verdades do senso comum, dentre um universo de outras frases feitas de caracterização genérica masculina, são uma pequena amostra de que há no imaginário popular uma genética da masculinidade, de maneira que a performance de gênero é vista atrelada ao sexo biologicamente orientado.

Ao iniciar seu olhar sobre a escola, Miskolci (2012), dialogando com Guacira Lopes Louro (2001), vai apontar a instituição escolar como sendo o local da excelência do apagamento das sexualidades, do asseveramento da normalização dos gêneros, da normatização das performances identitárias e do controle social dos sujeitos. Portanto, é nodal ao se pensar uma pluralização do masculino, em atenção às diversas performances possíveis, que se repense, por conseguinte, a experiência escolar. Isto por ser a educação normativa um conjunto de esforços da sociedade em garantir, o quanto antes, que os seus modelos performáticos de gênero sejam introduzidos e exercitados sobre os jovens, a fim de que estes assumam tais premissas como parte de quem são por toda a vida (MISKOLCI, 2012).

É imprescindível atuar sobre o ambiente escolar ao se tratar das masculinidades em virtude de um outro conceito basilar às performances de gênero, cuja nuance prática ocorre em paralelo ao processo de normalização empreendido pela família, pela religião e pela educação. A abjeção é a negação escarnejada da diferença, é o ultraje e a repulsa (violenta) àquilo que destoa de si. Diversos autores, como Butler (1999), Moita-Lopes (2009) e Santos Filho (2012), vão elucidar a abjeção como a raiz de toda a violência de gênero, tanto no processo de repulsa aos sujeitos abjetos quanto do próprio entendimento da identidade de sujeito abjeto: considerado um alguém inadequado, impuro e anormal socialmente. Miskolci (2012, p. 39) irá pontuar que a abjeção "inquieta e desestabiliza emocional, sentimental e relacionalmente os sujeitos, pois os levam a questões de confronto e inadequação social". O mesmo autor vai trazer o *bullying* como apenas mais um nome novo para uma problemática antiga, que é a abjeção no espaço escolar. Durkheim e Foucault (*apud* MISKOLCI, 2012, p. 37) vão desenhar a escola como o espaço de regulação social dos sujeitos, de modo a tornar toda uma dada sociedade consumidora de um modo de pensar, agir, fazer e consumir

padronizado. A fuga destes padrões, em maior ou menor grau, gera reações adversas sobre os "não-padrão". A abjeção seria justamente a violenta resposta às performances criticamente fora do normalizado.

O espaço escolar, como sendo o ambiente de busca pelo conhecimento, pelo esclarecimento, pela construção e reconhecimento de uma sapiência e de uma imagem de emancipação social do educando, cria certa profundidade no assinalamento de padrões - e visibiliza os "não-padrão" drasticamente. Como as questões da sexualidade, da identidade de gênero e da performance de gênero se veem imbrincadas e contempladas pelas três instituições sociais das quais o sujeito não tem como se alienar (Família, Igreja e Escola), o sujeito em formação, em sua infância e juventude, acaba sendo alvo de abjeções de todas as partes: em casa, na escola, na paróquia, nas ruas... onde quer que sua "inadequação" salte às vistas.

É, portanto, com vistas a não apenas elucidar o aspecto violento, desumano e segregador da abjeção social promovida contra "anormalidades" sexuais, identitárias e performáticas de gênero, que esta pesquisa vem para dar voz aqueles que são alvo desta prática, mas não ajoelham-se para seus algozes. Por meio de uma investigação etnográfica da fala, analisando narrativas, entre quatro depoentes do documentário "Bichas", de Marlon Parente (2015), verificar-se-á como jovens gays masculinos socialmente abjetos lidam com as suas experiências de vida na condição da abjeção e, mais do que isso, como fazem de si, de suas identidades e performances, instrumentos de luta – inclusive tomando os "xingamentos" que recebem como lema de militância, e, destaque-se, quais as relações destas experiências com o ambiente escolar.

### **1. Uma verdadeira reflexão pedagógica: identidades normalizadas e identidades abjetas**

Neste trabalho, a escola tem posição destacada por ser um ambiente pedagógico marcado por múltiplas tensões, e que se encontra intimamente atrelado aos processos de produção e reprodução das desigualdades sociais, todavia não é apenas isto o que ocorre nesse lugar (PETITAT, 1994). É na escola onde são semeadas as mudanças e as inovações socioculturais, onde jovens e adultos de diferentes realidades e com diversificados pontos-de-vista podem encontrar uma oportunidade de colocarem à prova suas visões de mundo e

refletirem juntos, entre dissensos e consensos, acerca dos mais plurais temas e problemas de suas realidades, em busca de soluções - nem que sejam teóricas.

Assim, credita-se à escola um ofício hercúleo de, além de uma formação curricular que leve os educandos ao desenvolvimento e amadurecimento de habilidades, competências e saberes elencados pelos currículos como basilares à autonomia social, deve também promover uma consciência cultural e cívica que oferte à sociedade sujeitos letrados e cidadãos (OLIVEIRA, 2015). Com isto, a instituição educadora tem sobre os ombros a responsabilidade de trazer à baila às classes temas que nem sempre são simples de tratar.

Além disto, em meio a gama de ofícios atribuídos ao processo de escolarizar, surge o currículo, e este figura como um campo de batalha onde diversos interesses e perspectivas didático-pedagógicas disputam espaço e prestígio no universo escolar, somando-se a isto as questões políticas e ideológicas imbrincadas na gestão educacional, com vistas à construção de uma experiência curricular que transpareça concepções de homem e de sociedade que se deseja ver perpassada de geração em geração (OLIVEIRA, 2015).

Orientando o binóculo para o corpo discente, a escola assume um papel crucial no processo de formação curricular, cidadã e ético-moral, isso porque desde a tenra infância todos são confiados à educação escolar e esta é agente primordial na construção do mundo que o educando vê e da leitura que este educando faz do universo em que se encontra inserido. Logo, pensar em Identidade de Gênero e Sexualidade na escola é estar atento ao fato de que, já nos primeiros anos de vida, a criança começa a perceber a diferença entre o feminino e o masculino, através de relações sociais dadas, e, por estas, as crianças veem estabelecidos sócio-historicamente os comportamentos e as ações prototípicas do homem e da mulher (NERE & LIMA, 2010). O que a escola fará com esses modelos comportamentais e o modo como os tratará no trabalho pedagógico é o grande "X" da questão.

Noutro enfoque, cabe a ressalva de que o currículo possui dois lados com múltiplas potencialidades: em uma face pode aprofundar os processos de exclusão verificados na sociedade, na medida em que silencia a pluralidade existente na realidade social; mas na outra face, o currículo figura como vetor de mudança e de problematização destes processos de exclusão existentes (OLIVEIRA, 2015). A figura docente, a qual põe em prática as diretrizes curriculares em sala de aula, tem destacado papel no tratamento dos temas e das questões socioculturais que atingem a escola. Em se tratando de questões de Identidade de Gênero e de

Sexualidade, o professor precisa decidir que atitude pedagógica irá seguir, se a de asseveramento ou a de problematização dos processos de exclusão, pois na escola atuam "forças sociais que impõem, desde cedo, modelos de comportamento, padrões de identidades e gramáticas morais aos estudantes" (MISKOLCI, 2012, p. 36). Na busca por uma padronização e enquadramento dos sujeitos, a instituição educadora incorre no erro histórico de buscar apagar as identidades, negando as subjetividades de seu alunado, para imprimir uma cultura hegemônica de performance cultural que homogeneíze a todo a população.

É assim que, não raro, afloram no espaço escolar querelas associadas à sexualidade abjeta (não heterossexual) e às identidades de gênero não normalizadas, também abjetas (masculinidades não viris e vitorianas e feminilidades transgressoras e feministas). A incitação à exclusão dessas identidades não normalizadas acaba por ser a realidade recorrente, porém, desde os anos 1990, no Brasil, ganha espaço uma atitude pedagógica que agrega valor curricular à experiência abjeta, concebendo-a como saberes subalternos, e que prega um aprendizado pela diferença, gerando mais do que tolerância para com os "diferentes", buscando respeito, aceitação e inclusão (MISKOLCI, 2012; BAMBERG, 2002; LOURO, 2001).

Com isto, a atitude docente frente ao socialmente abjeto tem peso determinante no olhar do educando sobre a questão, haja vista que afirmações de identidade e a marcação das diferenças acarretam em operações de inclusão e de exclusão, via de regra. Assim, afirmar uma identidade consiste em assinalar fronteiras e promover distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (SILVA 2000).

Por todo o exposto, neste trabalho, ter-se-á sob os holofotes a figura docente como uma substância pedagógica de *sine qua non* importância no trato e na didatização de questões sociais que suplantam as diretrizes curriculares e os saberes disciplinares da pedagogia cartesiano-positivista da escola tradicional brasileira. Pondo-se em glosa essencialmente o tratamento ofertado às Identidades de Gênero e à Sexualidade no espaço escolar, a naturalização deste debate e a problematização de padrões estanques de performance de gênero em contraponto à manutenção de normalizações homofóbicas, sexistas, machistas, heteronormativas, racistas e de hegemonia cultural (eurocêntrica) acabam por, a grosso modo, gerar um binarismo atitudinal alusivo ao comportamento docente para com o caso.

Contudo, muito mais do que apenas uma sintaxe binária resumidora das possibilidades de postura docente frente às questões de gênero e sexualidade na escola, há uma gama de experiências de inserção do paradigma da diferença como forma de manuseio deste tema em sala de aula enquanto um saber de emergência e valoração sociais, os quais atingem e significam o ambiente escolar, fazendo parte da agenda pedagógica e da experiência temática de educação crítico-reflexiva vocacionada à cidadania.

E a pertinência desta discussão na educação sistemática é explicada e explicitada por Silva (2000):

A questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular. É um problema social porque, em um mundo heterogêneo, o encontro com o outro, com o estranho, com o diferente, é inevitável. É um problema pedagógico e curricular não apenas porque as crianças e os jovens, em uma sociedade atravessada pela diferença, forçosamente interagem com o outro no próprio espaço da escola, mas também porque a questão do outro e da diferença não pode deixar de ser matéria de preocupação pedagógica e curricular (SILVA 2000, p.97).

Com isto, verifica-se que a instituição escolar pode comutar-se em um reduto de experiências opressoras orientadas ao apagamento de idiosincrasias – notoriamente aquelas vinculadas aos gêneros e às sexualidades (MISKOLCI, 2012; LOURO, 2001). Todavia a escola tem o poder de ser um local de atenção e respeito para com as peculiaridades subjetivas de cada indivíduo, suas essências identitárias, no caso de se transformar-se em um espaço de inclusão e de aceitação e aprendizagem pelas diferenças, à luz do que defende Miskolci (2012) ao tutelar os saberes emergentes na composição do currículo real.

Todo este debate será vivificado através da exploração analíticas de experiências pedagógicas de inclusão das diferenças no debate escolar e na experiência de sala de aula como componente curricular vivificador das tensões e das necessidades de atenção e tratamento responsável para com as questões de gênero e sexualidade na escola. Como propósito maior deste trabalho, busca-se, destarte, provocar e incentivar educadores de todas as áreas e níveis a assumirem seu papel de combater a escola segregadora, excludente, meritocrática, elitista e reprodutora de sujeitos acrílicos e modelados por uma estrutura normalizadora e normatizadora que, acima de tudo, reforça situações de abjeção e de alienação.

Por uma agência educativa que aceite que a escola tem gênero, sexo e classe social sim! E mais do que isso, a escola é a instituição onde todas as elementaridades humanas acham um espaço para reflexão, debate e significação coletivas. Portanto, à educação do século XXI cabe a problematização dos conceitos cristalizados, e o professor é o alicerço para tudo isto (HENRIQUES, 2016).

## **2. Uma rosa dos ventos abjeta: o masculino em frangalhos**

Como premissa a toda investigação aqui desenvolvida, figura o conceito de que não há tão somente uma masculinidade possível, mas uma pluralidade de performances masculinas em atenção às subjetividades de cada homem e às demandas de cada contexto, situação e propósito sociocultural. Desta forma, um estudo afinado com a perspectiva cultural dos gêneros e da sexualidade, frente à biológica, refuta inexoravelmente a lógica heteronormativa de que o homem deve inserir-se nos moldes vitorianos e viris do ser másculo, além da necessidade de convencer a si e ao outro de que: é inteligente, é bem-sucedido e é popular com as mulheres, assim como que não é mulher, bebê ou homossexual (BARDINTER, 1993 *apud* ROLAND, 2003, p. 115).

As performances masculinas do *teaser* a ser analisado vêm a negar toda e qualquer ação de comprovação de masculinidade, pois entende que o masculino recai em uma forma de olhar, interagir, agir e significar o mundo e ser por ele significado. Sendo uma performance e não uma condição (biológica), esta é fluída, vai sendo constantemente construída e reconstruída em sintonia com a própria identidade e o *self* do sujeito (SANTOS FILHO, 2012; BUTLER, 1999). Portanto, a masculinidade e a feminilidade são modos substanciais de exercício de gênero, culturalmente instanciadas e demandadas, pelas quais os seres humanos se fazem presentes no mundo - são identificações sobre si no mundo, são identidades de si para o mundo.

Doravante, quatro leituras de mundo e quatro visões de gênero serão apresentadas através de quatro jovens homossexuais que compõe o *corpus* narrativo desta pesquisa. Através do discurso, eles se fazem presentes no mundo, trazem outros indivíduos para suas realidades e imprimem identidades por meio da interação com a câmera, com a pretensa audiência, negociando com ela os sentidos das identificações que saltam de suas falas, em um

processo de negociação de imagens e valores no curso do evento comunicativo (HOFFNAGEL, 2010, p. 65).

Trabalhando com estas performances identitárias, o documentário vai abordar a relação destes jovens gays com o protótipo masculino e com a identificação pejorativa que recebem quando vítimas da abjeção: BICHAS. Formado por masculinidades diversificadas, os depoentes do projeto são batizados pelo signo de suas masculinidades transgressoras: tem a Bicha “*drag queen*”, tem a Bicha “afeminada”, a “preta”, a “gorda” (NÓS2, 2015). Essa identificação será a transportada para a pesquisa, como forma de preservar as identidades dos jovens e revesti-los pelo codinome apresentado no documentário.

A partir de agora, verificaremos, um a um, os discursos dos quatro jovens, suas visões e construções discursivas de si, de suas masculinidades, de suas experiências abjetas e de suas ressignificações linguísticas como forma de militância contra o ideal masculino segregados e o "léxico opressor" que discursivamente violenta tais identidades.

### **TEASER 1: A Bicha Gorda**

*(00'01') - Oi! Meu nome é XXXX. Eu tenho 22 anos e eu sou BICHA!*

O primeiro dos jovens tem nível superior, trabalha em uma agência conhecida de publicidade do Recife, além de ser DJ nas horas vagas, e está fora dos padrões de beleza ocidentais ditados pela mídia: é gordo. Desta forma, além de uma situação de minoria pela sua masculinidade socialmente abjeta, este jovem traz consigo um ranço de experiências negativas ligadas à imagem do corpo, da saúde e do cuidado estético masculino: o que acaba recaindo no não cumprimento do protótipo másculo, viril, do homem hercúleo.

O primeiro *teaser* tem uma fala de apenas 22 segundos, na qual o jovem se apresenta, fala sobre si, narra a sua personagem no documentário: *eu sou fulano, tenho tantos anos, faço isso, faço aquilo, sou "Bicha" etc...* Estigmatizado pelo diretor como "a Bicha gorda", o vídeo enfatiza a silhueta do jovem, dando espaço para a sua imagem não padrão. Mais do que apenas tratar de aceitação de sexualidade ou performances masculinas, o documentário parece tratar de aceitação mais amplas, de alargamento de horizontes de modo que todos tenham seus espaços na sociedade, com suas diferenças e cada vez mais identidades não-padrões.

Aos 3' do vídeo o jovem se apresenta "eu sou Bicha". Essa afirmação traz à baila não apenas a homossexualidade do jovem, não é um mero sair do armário, mas uma defesa de uma identidade abjeta. Ele não se disse gay ou homossexual, ele se apresenta como "Bicha", em uma identidade abjeta, pejorativa, tal qual "viado", "pederasta" ou "frango", dentro dos sinônimos ofertados pelo léxico opressor. Nesta postura, vê-se que ao assumir esta identidade, o jovem se marca dentro de uma minoria e só assim pode militar em prol da mesma. Com esse movimento, ele age conforme o que esclarece Hoffnagel (2010) ao dizer que há uma relação entre o comportamento linguístico e as identidades sociais em que traços linguísticos podem indexar significações sociais que corroboram com a firmação de significados de identidade.

Ao se apresentar como "Bicha", o jovem assume uma identidade, bem como dialoga com um repertório significativo culturalmente erigido que, a partir de então, está ativado na leitura da audiência e nos processos de identificação que esta audiência fará sobre este jovem, seu discurso, sua performance. Curioso, também, é que ao falar a palavra "Bicha", ele usa um tom de mistério, tal qual revelasse um segredo. Pressupõe-se um diálogo com a metáfora do "sair do armário". Como se trata do *teaser* de abertura do documentário, o valor simbólico desta entonação parece descortinar o fato de que se vai tratar de um tema tabu, ou seja, prepare-se para o que vem adiante. E, ao término da apresentação, o jovem lança as mãos para a tela, com os dedos eretos, como que passando um "feitiço" ou "bruxaria" sobre o espectador. Mais uma vez, uma performance que alude a algo abjeto, ao paganismo, ao obscuro, ao proibido.

Entre os segundos 16" e 20", o jovem esboça clara timidez, tal qual a abertura de sua intimidade causasse para ele algum desconforto. Ele ri, baixa a cabeça até a altura do tronco, escondendo a face. Ao mesmo tempo que denota um provável temperamento reservado, permite que se entenda que o próprio jovem se vê tratando de temas pouco consensuais, censuráveis, que poderão gerar algum constrangimento futuro. No segundo 23", ele põe a mão frente a câmera, em meio a risos e censura a pergunta do entrevistador: "tá bom", ele fala, parecendo uma atitude defensiva, algo em proteção própria contra uma exposição talvez excessiva.

O *teaser* é bastante curto, sem muito material linguístico de fato, mas abre o documentário conferindo um tom. Há um clima ameno, simpático, as falas são descontraídas

e tudo é um amálgama de militância e congratulação, pois todos os depoentes e o diretor se conhecem e possuem relações afetivas que transparecem na tela.

### **TEASER 2: A Bicha Drag**

O segundo jovem é universitário do curso de arquitetura, estuda em uma universidade federal e é um conhecido "*it party*" de Recife. Em algumas festas, este jovem se traveste como parte de uma performance *Drag* inspirada no seriado americano *RuPaul's Drag Race*. Este jovem tem uma personalidade extrovertida, bastante expansiva, com uma fala muito marcada pela ênfase gestual e pelo acento expressivo facial, que dá um ar caricatural aparentemente proposital a sua fala com vistas a uma performance mais agressiva, porém carregada de um olhar doce e muita gentileza – um misto de masculinidade e feminilidade característico das performances ditas afeminadas.

Questionado sobre a sua performance, sobre o ser "Bicha" e todo o universo que envolve essa quebra do padrão normativo da masculinidade virial atribuída ao "ser homem", na perspectiva biológica da sexualidade e da identidade de gênero, o jovem dá um posicionamento enfático, reacionário e de forte postura militante em defesa da masculinidade afeminada, em defesa do "homem Bicha" como uma expressão legítima de uma identidade.

Este posicionamento do jovem dialoga com os postulados de Miskolci (2012) quando este versa que há um "cessar fogo" contra determinados desvios da normalidade masculina, porém quando estes transviamentos são empreendidos por sujeitos de uma determinada classe social, por homens cujo papel na sociedade tem uma relevância significativa sobremaneira de modo que tal "indignidade" acaba sendo apagada/ignorada. Porém, para o próprio Miskolci (2012), como também para Santos Filho (2012), há um limite do que é e do que não é tolerável/perdoável neste "salvo conduto" à masculinidade não normalizada: a heteronormatividade. Noutros termos, os homens que se apartarem do ideal másculo, que forem homossexuais, devem fazê-lo ainda segundo a égide do "ser homem", do "homem vitoriano", refutando-se toda e qualquer performance que negue a constituição sócio-histórica do "*homo virilis*" por aproximar este homem das feminilidades. É contra esta imposição que o discurso do jovem se insinua.

E neste conflito entre a minoria "Bicha" e a sociedade heteronormativa, a atitude de travestimento, a performance *Drag* como bandeira de militância, ganha uma espetacularização e uma projeção em favor das masculinidades não normalizadas que dá visibilidade ao grupo, conclamando seus direitos e mostrando sua pertença aos debates de performance e identidade de gênero e sexualidade. Porém, ao mesmo passo, essa movimentação expõe os jovens à repulsa violenta, à abjeção. Nos 30" de sua fala, o jovem afirma:

(00'30") - *É perigoso, mas a gente tem que mostrar, porque se a gente não mostrar, e ficarem pressionando para a gente não ser Bicha, eles vencem. E querida! Quem vai ganhar é a Bicha! Com certeza! (risos).*

Efetivamente, verifica-se o posicionamento do jovem de explicitar uma performance masculina não normatizada como exercício de identidade e, também, com efeito, como uma militância, uma luta em prol do direito de ser "Bicha"!

Ao longo da fala, o jovem age com bastante descontração e brinca com o diretor do documentário.

(00'10') - *Me dá um beijo! (smach!)*

Há uma clara performance homossexual, afeminada e expansiva, incabível nos pressupostos masculinos de uma sociedade binária regida pelo paradigma biológico de sexualidade e gênero. Há uma militância de gênero, de identidade e de homem.

### **TEASER 3: A Bicha Preta**

O terceiro jovem é negro, tem 21 anos, usa cabelo *black power*, tem *piercing* no nariz e usa brinco na orelha esquerda. Integra uma raça historicamente subjugada no Brasil, vítima de preconceitos econômicos, religiosos, sociais e políticos, e, somado a isto, também é "Bicha".

Vai trazer à baila um debate muito ligado à sexualidade, identidade de gênero, classe social e raça muito afinado com o que já vimos no diálogo entre o segundo jovem e os autores Miskolci (2012) e Santos Filho (2012), pois vai abordar as diferentes condições de performatividade entre gays masculinos não normalizados segundo suas raças, suas classes

sociais, seus locais de moradia, seus ambientes de lazer e dando ênfase ao olhar da sociedade para eles, em destaque o olhar das autoridades.

Para este jovem, mais do que uma mera situação de risco advinda da transgressão da normalidade masculina vigente na sociedade, o gay não heteronormativo tem contra si a abjeção social cuja manifestação vai variar de acordo com o papel social deste sujeito. Não é apenas a identificação gay que se é levada em conta, mas também uma identificação de classe e extrato social. Não é essencialmente uma transgressão à normalidade masculina, como elucida Miskolci (2012), mas quem detém ou não o direito de infringir a regra.

*(02'02) - Gays brancos e classe média também sofrem. Mas qual é a probabilidade maior: você apanhar na favela, em um beco onde a polícia não vai estar dando a mínima importância ou na rua, em um bairro de classe média onde vai ter uma maior repercussão sobre o caso?*

Ou seja, fica clarificada a luta desde jovem não apenas em prol de uma performatividade masculina não normalizada, mas em favor de uma igual legitimidade das performances gays da favela e das coberturas. A performance de gênero, a luta de classes e a questão racial podem parecer questões distintas, porém, numa sociedade como a brasileira, a condição social dos sujeitos acaba imbrincada a todas as demais questões. O terceiro jovem parece buscar uma identificação tanto como militante gay, ao se apresentar como "Bicha" (00'04") quanto trazer à tona um discurso de raça e classe, uma visão mais ampla das questões sociais enfrentadas no Brasil – ou seja, há uma intencionalidade ideológica mais ampla que apenas a militância pela diferença sexual.

#### **TEASER 4: A Bicha Afeminada**

O quarto jovem tem em si uma performance bastante abjeta dentro dos padrões normalizados de masculinidade.

Este garoto homossexual usa um *piercing* de argola no nariz, tem um alargador na orelha esquerda, pinta as unhas de preto, desenha as sobrancelhas e usa maquiagem. Seu corpo é um estandarte de sua identidade, é um *outdoor* de sua militância e de sua própria visão de si.

A fala deste jovem vai trazer uma narrativa pessoal muito recorrente entre jovens que "saem do armário" partindo de uma performance de gênero normalizada em virtude da

repressão para uma nova roupagem de si e um novo diálogo com o mundo segundo uma masculinidade totalmente não-padrão, abjeta socialmente e é libertadora e aprisionadora ao mesmo tempo. Ao sair do armário assumir novas identificações performáticas de suas masculinidades não normalizadas, os jovens põem para fora seu *self*, trazem à baila sua real expressão identitária e imprimem seu *eu* sobre o mundo. Contudo, no mesmo sentido em que transgridem as barreiras do dogma de gênero, expõem-se às reações abjetas da sociedade e, por trazerem tão explicitamente consigo a estima da masculinidade repulsiva, acabam sendo o alvo predileto daqueles que impõem pela violência física seu "padrão".

Para além disto, no depoimento deste jovem, verifica-se a violência em suas outras formas, como a ideológica e a institucional, que são segregadoras, discriminativas e sementes da violência física. Muitos jovens quando assumem suas masculinidades abjetas acabam sendo "convidados a sair" de determinados ambientes, como grupos religiosos, instituições escolares, clubes, grupos de lazer *etc.* Para homens como este quarto jovem, a conquista da liberdade de expressão da sua masculinidade foi a custo da perda de outras expressões de sua identidade enquanto sujeito.

*(01'00) - Eu ficava muito dentro da igreja. E eu era coroinha. Eu era mestre de cerimônia. Eu era, eu fazia parte de grupo de franciscano, do grupo de jovens, do grupo de crianças, do grupo de uma gata que criou um grupo (risos!). Todo grupo de igreja eu 'tava' e eu era super dentro da igreja. E eu sempre me podava muito. Todas as minhas atitudes eram sempre muito podadas.*

Com esta narrativa sobre si, na qual o jovem traz à baila o seu passado junto à instituição religiosa da qual fazia parte, vê-se o quão imperativo e decisivo é o cumprimento do modelo de masculinidade normalizado para que se possa fazer parte deste grupo social, desta comunidade cultural e ideológica. No momento em que há uma fissura neste modelo, a pertença é quebrantada e o apartamento se delineia, seja de maneira paulatina e progressiva seja mais fatídica.

Este depoimento dialoga bastante com o que já foi elucidado na introdução deste trabalho, quando se abordaram as três instituições sociais e seus papéis frente à masculinidade normalidade e às masculinidades do paradigma da diferença, cabendo as considerações de Miskolci (2012), Moita-Lopes (2009), Roland (2003) e Butler (1999) sobre o papel normalizador desta instituição social, cujo um dos principais objetivos é a padronização social

e a defesa de verdades culturais unilaterais (ainda que floresçam, hodiernamente, alguns movimentos de modificação desta realidade em alguns credos, mas ainda muito incipiente).

Outra questão fulcral aos jovens que assumem identidades masculinas não-padrão é o momento de "start" desta performance de gênero. No caso dos homossexuais, este processo vem muito atrelado ao de assumir sua homossexualidade. Quanto a isto, o quarto jovem versa que:

*(00'22") - Depois que eu me assumi, aí eu falei 'pronto! Agora eu não tenho nada pra me preocupar!'. Por exemplo, se fulano souber ele vai falar pro meu pai, mas meus pais já sabem e agora eu posso fazer o que eu quiser. Eu fui tipo Hannah Montana se tornando Miley Cyrus, entendeu?.*

Desta forma, tomando como exemplo uma personalidade da música que abandonou não apenas o gênero country para se dedicar ao Pop, como também deixou a imagem de "boa moça de família" para trás e assumiu um visual transgressor, independente e que acaba gerando certo mal-estar em alguns grupos moralistas que antes apoiavam suas carreiras e permitiam que suas filhas fossem fãs da cantora, mas que agora não compactuam com sua nova performance feminina e musical.

Esta associação mais do que apontar a similaridade transgressora entre o quarto jovem e a cantora americana ao abandonarem identidades onde não cabiam mais, também, na lógica binária, revela uma igual luta pela emancipação de identidades não padrão, sejam elas masculinas não másculas e não viris sejam elas femininas não dóceis, não delicadas e não recatadas. Certamente, há instaurada uma crise paradigmática que alterará papéis e comunidades sociais e porá em xeque a primazia das performances normalizadas que vigem atualmente.

### **3. Apontamentos e perspectivas**

Com base na reflexão teórica do limiar deste trabalho, em diálogo com os dados ofertados pelo *corpus*, formado pelas *teasers* dos quatro jovens homossexuais, verificou-se que vige um processo de modificação de identidade entre aqueles que compõem as masculinidades em minoria e as minorias gays.

Tal conclusão é advinda de uma observação decorrente da pesquisa pela qual se verifica não mais o refutar de identificações sociais a partir de palavras pejorativas e

expressões de xingamento advindas de manifestações de abjeção. A aceitação de uma identificação abjeta, mais do que sentenciar os grupos minoritários e reconhecer suas performances como não normalizadas e enquadradas pelo sistema e às instituições sociais, culminou por ser o ponto de partida para uma ordenação desses grupos sociais discriminados e a apropriação por parte destes grupos dos xingamentos recebidos para fazer deles palavras de ordem, signos de militância.

O que antes era uma palavra imbuída do nojo, do asco e da repulsa e que tinha por função apontar, pela linguagem, um sujeito dito “indigno e execrável” como uma "Bicha", agora recompõe-se dentro da significação contextual do grupo e emerge como uma representação de classe, de comunidade e minoria abjeta. Através do ato de assumir uma identidade abjeta, de se concluir um grupo de "Bichas" esses homens de masculinidade não padrão forçam que a sociedade reconheça sua existência, sua volumetria dentro do contingente populacional e, cada vez mais, lute por seu espaço. Noutras palavras, no momento em que a minoria abjeta toma para si uma identidade coletiva abjeta como a identificação por "Bicha", essa minoria faz existir uma parcela social que precisa ser enxergada, que precisa ser assistida, que tem direitos e deveres dentro da dinâmica cidadã desta sociedade – esses homens "Bichas", então, passaram a existir.

É de irretorquível importância, todavia, que se compreenda que o fato de este processo de constituição de um grupo social de homens com identidade "Bicha" não confere celeridade às mudanças sociais que devem legitimar e incorporar este grupo à sociedade de modo a extinguirem-se preconceitos, abjeções, violências e represálias. Pelo contrário, o que passa a existir é uma luta, uma militância em prol desta legitimação de modo evidente e organizado, o que gera reações e forças em contrário. Trocando em miúdos, a partir deste momento, as forças a favor e contrárias ao fim da abjeção para com esse grupo social se tornam oficializadas, se institucionalizam.

Assim, mais do que tomar para si o léxico opressor e o ressignificar como estandarte ideológico de sua militância, os homens compreendidos pelo estigma "Bicha" formalizaram frente à sociedade a sua reação em contrário as abjeções sociais e institucionais que vêm sofrendo. Nas falas dos quatro jovens abarcados pelo *corpus* deste trabalho, verificou-se mais do que a mera apresentação de si, de experiências próprias ou de pontos de vista sobre a sua condição de masculinidade não padrão. As quatro falas trazem consigo uma refutação ao

paradigma biológico de sexualidade e gênero e estendem a problemática das performances e identidades de gênero para outras questões mais amplas da sociedade, tomando extratos econômico-sociais como marcadores de realidades (de violência) de gênero, *etc.*

Os jovens homossexuais contiveram em suas falas mais do que uma abordagem temática ou um mero explicar concernente às suas sexualidades. Não estavam "saindo do armário" ou confessando uma homossexualidade. Os quatro jovens estavam defendendo uma expressão identitária abjeta, estavam em favor de uma performance de gênero incapaz de ser contingenciada pelo estigma da masculinidade normalizada preconizadora do homem vitoriano. Na medida em que realizavam esse discurso militante, apresentavam características de si, expunham suas crenças e ideologias, revelavam seu olhar sobre o mundo e afloravam suas condições mais coletivas e mais subjetivas (particulares). Desta forma, estavam em um exercício de desenvolvimento e apresentação de seu self para além de uma mera entidade psicológica, de um conceito abstrato, mas como um sujeito que se situa ativa e responsivamente dentro de um contexto sócio, histórico e cultural (HOFFNAGEL, 2010, p. 67).

Imersos neste movimento de expressão de si e de defesa de uma ideologia de gêneros, os quatro jovens findam por assumir identidades em seus discursos ora como sujeitos que ofertam um depoimento, uma história de vida sobre suas experiências como jovens abjetos ora como sujeitos politicamente engajados na defesa de uma mudança paradigmática. Dentro de um mesmo evento discursivo, dentro de um mesmo ato de fala, essas identidades se cambiam, assim como outras emergem e em passagens específicas de cada momento discursivo, como a identidade racial, a identidade social, a identidade religiosa, a identidade militante e a própria identidade masculina.

Os quatro jovens partilham uma identidade masculina abjeta, ou seja, não padrão, porém, dentro deste universo de masculinidades não normalizadas, os quatro jovens são empreendedores de performances masculinas distintas, em que se vê a masculinidade afeminada, a masculinidade *drag queen*, a masculinidade *black power* e a masculinidade homossexual *pop underground*. Ainda que não sejam identidades excludentes ou que se polarizem de maneira ambivalente, são constituintes identitários com peculiaridades distintivas e, talvez, esta seja a maior riqueza do material presente no documentário de Marlon

Parente, pois a seleção de depoentes confere pluralidade para um debate que vai tratar, justamente, da inviabilidade de uma norma única de performance de gênero.

Trabalhos como este - "Bichas, o documentário" - têm função social demasiado relevantes por provocarem a reflexão e promoverem a inquietação que são nodais às mudanças sociais. Estas, notadamente, partem da singularidade de cada sujeito, mas se corporificam na medida em que instituições sociais modificam seu olhar para as questões em glosa. Neste sentido, considerando a família, a escola e a igreja como as instituições de maior peso na consistência sociocultural de uma comunidade, enxerga-se na igreja o elemento institucional de menor propensão às mudanças e à assimilação de tais valores de reforma paradigmática. A família, por sua vez, é a instituição em que esta mudança de comportamento se dá pela renovação moral, que é muito subjetiva e demanda ações a longo prazo, concretas e abstratas. Por fim, tem-se na educação um ponto de partida.

Seja para Moita-Lopes (2009), Louro (2001), Roland (2003) ou Miskolci (2012), a escola figura na literatura científica como o ambiente ideal de instauração das mudanças basilares sociais, haja vista que é na escola e através da educação e toda a sociedade se significa e ressignifica, formativamente. Posto isso, há a consciência de que a escola pode promover uma severa política da padronização e normalização de seus estudantes, homogeneizando-os e extorquindo-lhes identidades (MISKOLCI, 2012; LOURO, 2001), porém ela também pode ser um ambiente de despertar para essas peculiaridades subjetivas de cada indivíduo, caso seja um espaço de inclusão e de aceitação e aprendizagem pelas diferenças, como traz à baila Miskolci (2012) ao debater os saberes emergentes.

Quando a escola se abre para trabalhos como o documentário aqui analisado, para os discursos nele contidos, ela amplifica a visão de mundo de seus educandos, ela aumenta o mundo, pois este passa a conter muito mais do que um lado único ou uma história única. Uma escola que pluraliza sua lente pedagógica para enxergar a realidade de seus educandos afina-se efetivamente com uma filosofia da educação orientada não apenas para um atendimento curricular conteudístico, mas, e principalmente, para uma formação holística de sujeitos socialmente autônomos no exercício de uma cidadania crítico-reflexiva e de postura ativa e responsiva frente às demandas sócio, político e ideológicas.

Ao educador cômico de seu papel, inaliena-se a defesa de uma escola que compreende, respeita e defende a diferença, a não homogeneização. Existem diferenças de

gênero sim! Existem diferenças de sexualidade sim! Existem diferenças de classe social sim dentro da escola! Então, ela é a instituição onde todas as peculiaridades humanas reúnem-se para serem refletidas, debatidas e significadas democraticamente, desde a consciência ecológica até a consciência sexual. Com isso, o projeto educacional deste século precisa assumir o protagonismo da problematização de conceitos cristalizados, desde o conceito de "sujeito é o termo essencial da oração de quem se diz alguma coisa" até conceitos socialmente mais complexos, como o conceito de família e o conceito de laico para o Estado Brasileiro, por exemplo.

Com todo o exposto, fica como anseio e expectativa ao final deste trabalho que cada vez mais movimentações identitárias sociais alcancem a academia e que desta cheguem às escolas, em um fluxo de inquietação, reflexão e significação propulsoras de renovações socioculturais promovedoras de maior igualdade, respeito, dignidade e cidadania. "Bichas", "Sapatões", "*Drags*"... Que não falem movimentos, lutas, inconformações e inquietações por legitimidade, por identidade, por uma dignidade de existir tal qual se é.

### **Considerações finais**

Este trabalho teve como premissa sensibilizar o seu leitor quanto à pertinência do debate acerca das questões de identidade de gênero e sexualidade no âmbito da sala de aula. Assim, trouxe à baila esta discussão a partir da análise de quatro depoimentos de homens que buscam romper o padrão hegemônico de masculinidade.

Portanto, é ratificável que os casos apresentados orientam para as potencialidades do trabalho destas questões em aula, ficando à margem quaisquer intenções de apontar uma fórmula mestra para realizar essa tarefa. Ao docente fica o exercício de reflexão enquanto agente educador, o qual precisa ter em mente a responsabilidade formativa frente aos seus educandos, reconhecendo neles e através deles as práticas didáticas que produzem mais sentidos e significações no decurso da formação crítica de sujeitos cidadãos ativo-reflexivos.

Levar temas desta significância social é, efetivamente, promover uma reorientação no espaço escolar, haja vista que a sua democratização de acesso não acompanhou, também, a pluralidade de identidades e realidades que é a expressão máxima da democracia: as diferenças e a legitimidade das mesmas. Neste sentido, no tocante às performances de gênero,

verifica-se o quão é prejudicial a manutenção do binarismo “homem x mulher” dentro das salas de aula e, pior, no discurso docente acerca das questões e “condições” de gênero possíveis. Ao versarem sobre o “ser mulher”, os/as docentes não devem trazer identificações engessadas do gênero feminino: “ser mãe, ser esposa, ser carinhosa, seguir regras, ser compreensiva, ser delicada, temente a Deus” (NERES & LIMA, 2010, p. 6). Por sua vez, o ser homem também não pode ser estigmatizado como “ser responsável, ser trabalhador, ser provedor e ser livre”, o que revela certa autonomia, mas igual situação refém do gênero masculino aos protótipos normatizados. É preciso problematizar as verdades de gênero “transmitidas” pela escola sobre o masculino e o feminino: *liberdade masculina*, enquanto que às mulheres recai a necessidade de *cumprir deveres, seguir regras* (NERES & LIMA, 2010).

Assim, é preciso clarificar que na escola o professor tem a função social de difundir e reproduzir valores culturais às crianças, o que facilita a reprodução de discursos tradicionais acerca dos gêneros e da sexualidade, pois atua sobre o que já está dado. Todavia, o docente também é formador de cultura e valores, a partir das práticas e relações pedagógicas. E para isso é preciso um professor com olhar crítico, reflexivo e problematizador de questões normalizadas. À escola cabe uma experiência didática edificada na percepção da importância do discurso da escola como forma de transformação sociocultural (NERES & LIMA, 2010).

Por todo o exposto, conclui-se que o debate acerca de temas como equidade entre os gêneros performances de gênero, homossexualidade, homofobia, lesbianismo, feminismo e preconceitos sociais permitem aos aprendizes exporem diversos pontos de vista de suas experiências extraclasse para a escola, a partir de reflexões e aprendizagens domésticas, religiosas, midiáticas *etc.* Com isso, a figura do docente emerge como mediadora do processo de amadurecimento coletivo, bem como se posiciona à frente na orientação destes educandos à consciência crítica, reflexiva, ética e cidadã diante do dicotômico duelo paradigmático da Diversidade e da Diferença. É de nodal importância, ainda, pois traz para a escola uma prática e experiência formativa humanizadora e “de produção de sentidos, de sociabilidades múltiplas entre os alunos”, que a escola se perceba caminhando para “uma sociedade mais justa e democrática” através da educação libertadora, para muito além do conteudismo, mas vocacionada ao social, ao humano, ao cultural e, particularmente, às pessoas – em suas similaridades e idiossincrasias (OLIVEIRA, 2015, p. 149).

## Referências

BAMBERG, M.. (2002) Construindo a masculinidade na adolescência: Posicionamentos e o processo de construção da identidade aos 15 anos. *In:* L. P. Moita Lopes & L. Cabral Bastos (orgs.), **Identidades: Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras. 2002, p.149-85.

BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In. G. Louro (org.), **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. pp. 151- 172.

HENRIQUES, E. **Bichas: um olhar Queer sobre as novas masculinidades e performatividades gays**. Recife: UFPE, 2016; 21 p. (Relatório Técnico em Antropologia Linguística: Etnografias de Gênero).

HOFFNAGEL, J. C. **Temas em Antropologia e Linguística**. Recife: Bagaço, 2010.

LOURO, G. L. **Teoria Queer: uma perspectiva pós-identitária para a Educação**. Revista de Estudos Feministas 9(2):541-553. UFSC. Santa Catarina, 2001.

LOURO, G. L. A construção escolar das diferenças. *In:* **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997, p. 57- 87.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora/UFPO, 2012. 80 p. (Série Cadernos da Diversidade, 6)

MOITA LOPES, L. P. (org). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NERES, A. L. O. M. & LIMA, M. B. **Gênero na escola: um diálogo com docentes da rede municipal da Itabaiana**. Disponível em <[http://200.17.141.110/forumidentidades/IVforum/textos/Ana\\_Lucia\\_de\\_Oliveira\\_Menezes\\_Neres.pdf](http://200.17.141.110/forumidentidades/IVforum/textos/Ana_Lucia_de_Oliveira_Menezes_Neres.pdf)> Acessado em 21 de Janeiro de 2016.

NÓS2. **Empoderamento e desconstrução no projeto "Bichas, o documentário"**. Website Nós2. Coluna Lifestyle. Recife, 2015. Disponível em <<http://www.nos2.co/2015/12/empoderamento-e-desconstrucao-no-projeto-Bichas-o-documentario/>> Acessado em 27 de Dezembro de 2015.

OLIVEIRA, A. P. de. **Gênero, sexualidade e diversidade no currículo escolar: a experiência do Papo Sério em Santa Catarina**. Disponível em <<http://periodicos.uesb.br/index.php/praxis/article/viewFile/4705/4491>> Acessado em 22 de Janeiro de 2016.

PARENTE, M. **Entrevista**. Recife, 10 de Dezembro de 2015.

PETITAT, A. **Produção da escola/produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ROLAND, B. A adolescência homoerótica no contexto escolar: uma história de vida. In: L. P. Moita Lopes (org.), **Discursos de identidades**: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas: Mercado de Letras. 2003, p.113-34.

SANTOS FILHO, I. **A construção discursiva de masculinidades bissexuais**: um estudo em linguística queer. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

TEASER 1. **A Bicha Gorda**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dUPoiP2k-Fc>> Acessado em 22 de Dezembro de 2015;

TEASER 2. **A Bicha Drag**. : Disponível em: <<https://www.facebook.com/Bichasdoc/videos/996721333706880/?theater>> Acessado em 22 de Dezembro de 2015;

TEASER 3. **A Bicha Preta**.: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hjc5qPeorDk>> Acessado em 22 de Dezembro de 2015;

TEASER 4. **A Bicha Afeminada**. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=tbKvLNjRDHc>> Acessado em 22 e Dezembro de 2015.